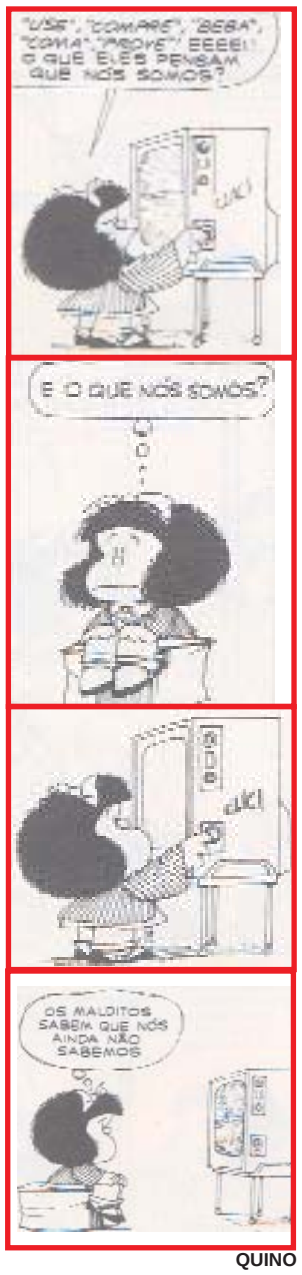
SINPRO Cidadão

Sindicato dos Professores do Distrito Federal - Agosto/2008 - ano VII - número 09 - www.sinprodf.org.br

Queremos nossa escola mais feliz



QUINO

O Sindicato dos Professores convida a comunidade escolar para uma reflexão: como fazer da escola pública um local onde nossos filhos possam ser mais felizes? Como tornar nossa escola um espaço de crescimento coletivo, com respeito e harmonia?

O que podemos fazer para cobrar dos governos mais responsabilidade na condução da Educação, de forma que o eterno discurso seja transformado em verdade, ou seja, que o ensino público de qualidade seja realmente prioridade?

Acreditamos que o primeiro passo para mudar uma realidade é conhecer os motivos que a levam a ser como é. A violência, por exemplo. Por que hoje as escolas vivem um clima de medo? Alunos acuados e aliciados por traficantes, professores intimidados por alunos, brigas de gangues, armas dentro da escola, funcionários temerosos de fazer valer as regras e a disciplina escolar.

Sabemos que a violência na escola reflete a violência que atinge a sociedade atual. A humanidade parece estar se desumanizando na busca desenfreada pelo consumo. As propagandas dizem que se você não tiver um carro do ano, uma casa de cinema, um corpo de modelo, as roupas da moda, você, definitivamente, não pode ser feliz. Essa idéia, em um país de extremas desigualdades sociais como o nosso, gera muita revolta e frustração nos filhos das camadas mais pobres da população, que mal conseguem sobreviver com um mínimo de dignidade.

Escola deve dar o exemplo, se quiser ser respeitada

Para os filhos dos trabalhadores da vida real, uma escola pública de qualidade, com um ensino que eduque para a vida e seus desafios, é a única esperança de mudança. Mas para isso as escolas, antes de tudo, devem ser rigorosas no cumprimento de suas responsabilidades em relação aos alunos e à comunidade. Dar condições para que os alunos possam aprender, com equipamentos em boas condições, professores e funcionários motivados.

Não é possível cobrar respeito e consideração de um aluno que nem sabe por que está na escola. Uma aluna da Ceilândia que agrediu uma professora, disse aos membros do conselho tutelar que só ia para a escola porque a mãe a obrigava. A escola, como é organizada, não desperta o interesse das crianças de hoje. Problemas como a superlotação das salas de aulas, aliados a total falta de estrutura, acabam favorecendo os acontecimentos violentos.

Neste jornal estamos mostrando a realidade das escolas no DF. Relatamos os problemas enfrentados pela comunidade escolar em algumas cidades e nos próximos jornais iremos mostrar a realidade de outras cidades. Solicitamos aos professores que utilizem as idéias desse Sinpro Cidadão para promover o debate com a comunidade escolar sobre as várias formas de violência que atingem as escolas, para que,juntos, possamos lutar por uma escola mais feliz.

Deixar escolas nessa situação ta

Comunidade do Cruzeiro deve defender CED 01

O parecer técnico nº 280/2008 do Corpo de Bombeiros não deixa dúvida: a edificação do Centro Educacional nº 01 do Cruzeiro não possui as condições mínimas de segurança contra incêndio e pânico. Em vistoria realizada no dia 8 de maio, o Corpo de Bombeiros enumerou nada menos que 34 exigências que devem ser observadas para que a escola possa cumprir a legislação em vigor. A direção, os professores, os funcionários da escola e os alunos sabem do risco que correm: há mais dez anos solicitam e esperam que a Secretaria de Educação reforme uma das escolas mais antigas do DF (ela foi inaugurada em 1963 e formou mais de uma geração daquela cidade), mas tudo que ouvem, entra ano, sai ano, são promessas que não se cumprem.

A fiação elétrica está tão comprometida que não é possível ligar os computadores. Em fevereiro houve uma explosão que queimou equipamentos e provocou um apagão parcial na escola. Nas salas onde funciona o projeto de aceleração de

Sala de aceleração do CED 01

aprendizagem as portas estão danificadas. O piso nas salas de aula e nos pátios está cheio de irregularidades e os acidentes são freqüentes. Os banheiros estão depredados, as descargas não funcionam e uma água escorre continuamente das pias, um desperdício inaceitável.

O mais estranho é que os recursos para a reforma da escola foram anunciados mais de uma vez. No ano passado havia R$ 2 milhões para a reforma, mas ela não ocorreu, segundo o GDF, por problemas nos projetos arquitetônicos, o que atrasou a licitação. Parte da comunidade escolar teme que exista uma intenção do governo de fechar a unidade de ensino, porque a área onde ela está localizada é muito valorizada. Há um boato de que a especulação imobiliária está de olho no terreno e que o governo iria justificar seu fechamento alegando que construiria uma escola na Estrutural, onde mora parte dos alunos que estudam no CED 01. Atualmente estudam lá 650 estudantes de 7ª e 8ª e ensino médio, mas poderiam ser mais se a escola estivesse em melhores condições físicas.

O Sinpro entende que a escola só será reformada e mantida no local se a população do Cruzeiro tomar para si a tarefa de defendê-la da especulação imobiliária e do descaso do governo. Será que a comunidade da cidade vai deixar que fechem a escola que é um pedaço da sua história?

Mobilização garante reforma de escola em Santa Maria

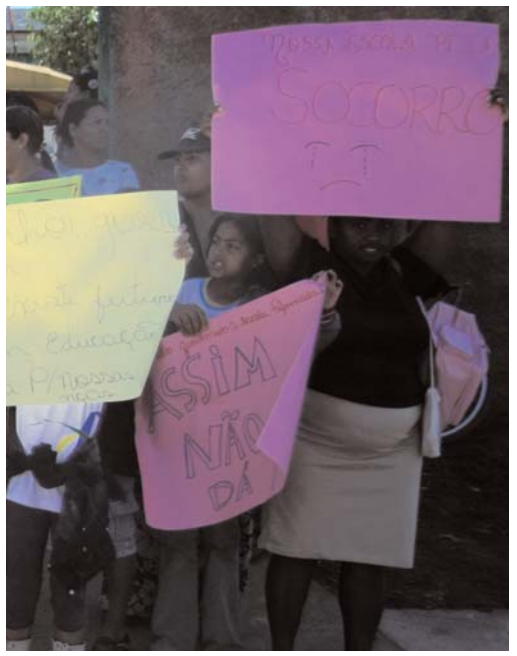
No final do semestre passado a comunidade escolar da Escola Classe 203 de Santa Maria mostrou que somente a mobilização e a cobrança podem mudar a situação de descaso com as escolas. Após se manifestarem e denunciarem os riscos a que os alunos estavam submetidos, conseguiram que a escola fosse reformada, mesmo que emergencialmente.

Construída com pré-moldados, sua estrutura estava completamente comprometida. Os banheiros estão sendo reformados e serão colocadas telas no teto para impedir que alunos passem pelo desconforto de se alimentarem com "cacas" de pombos caindo sobre suas cabeças.

Os alunos e professores comemoram ainda a ordem de serviço para construção de um novo prédio de dois andares no lugar da escola. Segundo a direção, já estão fazendo as medições necessárias para o início das obras. Provisoriamente, serão construídas 12 salas de aula para o atendimento das 1.400 crianças até que as obras estejam concluídas.

mbém é uma forma de violência

Instalações elétricas precárias, banheiros destruídos, buracos perigosos (fotos acima e ao lado): triste realidade de muitas escolas do DF. Saída é mobilizar e cobrar solução do governo, como fez a comunidade de Santa Maria (foto abaixo) e de outras localidades.



Só na promessa

Há mais de cinco anos a comunidade escolar do Centro de Ensino Fundamental 404 de Samambaia vem escutando a promessa de que a escola será reconstruída. Sua estrutura física, que era para ser provisória, já tem 19 anos e vem ficando cada vez mais fragilizada e precária, expondo a risco alunos, professores e auxiliares.

Em novembro de 2007, o atual governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, compareceu à escola e assinou, nas presenças da comunidade escolar e de representantes do povo, a ordem de serviço autorizando a reconstrução da unidade de ensino. Contudo, até o presente momento, nada de concreto foi realizado. Vale ressaltar que a despesa para reconstrução da escola já está prevista na Lei Orçamentária Anual deste ano, conforme documento emitido pela Gerência de Planejamento Educacional.

No início deste segundo semestre, contudo, a diretoria da Regional de Ensino enviou documento à escola afirmando que nem sequer foi elaborada a planilha de custos para a elaboração do orçamento da obra e conseqüente início do processo licitatório.

Por isso, a comunidade escolar deverá intensificar a mobilização e pode até paralisar as aulas, caso não haja uma determinação concreta para a reconstrução da CEF 404.

Enquanto isso...

Enquanto as escolas no DF padecem de todos esses problemas, o governo deixa de aplicar milhões de recursos próprios. Por lei, o GDF deveria aplicar 25% da arrecadação de seus impostos na educação, mas isso não ocorre. Ele deixa de aplicar em média R$ 700 milhões por ano na educação. **JÁ PENSOU QUANTAS ESCOLAS PODERIAM SER CONSTRUÍDAS, REFORMADAS OU EQUIPADAS COM TODO ESSE DINHEIRO?**

Faltam escolas e creches no Paranoá e Itapoã

Membro do Conselho Tutelar do Paranoá, Ivonete dos Santos Barbosa tem uma certeza: o poder público é movido por pressão da opinião pública, ou seja, pela pressão de toda a sociedade organizada e que exige seus direitos. Ela acredita que somente quando a comunidade se mobilizar será possível conquistar uma das maiores necessidades do Paranoá: creches públicas para o atendimento de cerca de cinco mil crianças na cidade.

"Nossa comunidade tem uma história de lutas. Nossa resistência foi o que garantiu a permanência de nossa cidade aqui na região. Agora é hora de a gente arregaçar as mangas para exigir o cumprimento da lei, que determina que o Estado tem a obrigação de aplicar recursos na construção de creches", acredita ela.

Com uma população formada por muitas mães solteiras, ou que sustentam sozinhas suas famílias, as creches são muito importantes para evitar a desestruturação futura dos jovens. Como têm que trabalhar, as mães deixam as crianças muitas vezes aos cuidados de irmãos mais velhos, ou amigos e vizinhos. "Essas crianças ficam invisíveis para a sociedade e só passam a ser visíveis quando se tornam infratores, aliciadas, pela ausência do Estado, por traficantes e bandidos", critica Ivonete.

Para ela é fundamental que a sociedade perceba que o cuidado com a criança é uma responsabilidade do Estado desde a primeira infância.

Na comunidade próxima ao Paranoá, o Itapoã, além de creches faltam escolas para atender a crescente demanda. É o que denuncia a mãe Ângela Marcelino, que se mudou no início do ano para Brasília, e até o momento não conseguiu escola para a filha de oito anos. "Minha filha está reclamando muito por não estar estudando e muito triste porque já está com o ano perdido", lamenta ela.

Escolas em tempo integral: um sonho possível

No início da construção de Brasília, um grande educador brasileiro, chamado Anísio Teixeira, elaborou o plano educacional para a cidade. A principal novidade era a escola em tempo integral, ou seja, onde os alunos ficavam na escola em dois turnos. A idéia era combinar os espaços da 'escola tradicional' com os da 'oficina', do 'clube' de esportes e de recreio, da 'casa', do 'comércio', do 'restaurante' e do 'teatro'. Agora o governo do Distrito Federal diz que sua prioridade é a escola integral, mas na verdade o que o GDF fez em algumas escolas não pode ser chamado de escola integral.

As escolas não têm nem refeitório e as crianças comem ou no chão ou na própria sala de aula. Não há espaços como bibliotecas, ou para atividades das oficinas de recreação, artísticas, sociais e profissionais.

Os professores acham que é muito importante a escola de tempo integral, mas é preciso que o projeto pedagógico seja debatido, que os interesses das crianças e jovens sejam respeitados e que os equipamentos disponíveis dêem condições para que haja não apenas um aumento quantitativo de horas passadas dentro da escola, mas sobretudo garantam um aumento qualitativo da educação.

Ensino de jovens e adultos ameaçado

Um dos projetos do governo atual é chamado de aceleração de aprendizagem. Mas, mais uma vez, foi decidido sem debate e diálogo com a comunidade e o resultado tem sido o pior possível: além de não favorecer a aceleração, desorganizou a educação de jovens e adultos na rede pública. Em muitos locais os materiais chegam atrasados, comprometendo o ensino. Professores preparados estão sendo substituídos por monitores, que só têm o trabalho de ligar e desligar a televisão. Mais do que acelerar, o que os jovens querem é um ensino de qualidade, que lhes permita disputar o mercado de trabalho em igualdade de condições.

População protesta contra projeto

Outra situação preocupante na rede pública é o fechamento de turmas do ensino médio, sob a alegação de que não há demanda nas cidades, o que sabemos que não é verdade. Algumas escolas do Plano Piloto e de Taguatinga têm condições de receber muitos alunos, bastando apenas que o governo forneça transporte para os jovens que desejam estudar nesses estabelecimentos. É o caso do Caseb, uma das escolas mais tradicionais do Plano Piloto, que hoje tem salas ociosas, ou da EIT e do Cemab, em Taguatinga.

Aliás, há um boato que corre de boca em boca: a nítida intenção do governo de esvaziar o Cemab e a EIT seria porque os lotes em que elas se localizam são valorizadíssimos e cobiçadíssimos pelos especuladores imobiliários, que querem derrubar as escolas para construir mais arranha-céus para tornar o centro de Taguatinga ainda mais caótico. Cabe à população da cidade lutar pela manutenção das unidades, tanto pela importância das escolas em si, quanto para preservar a sua própria qualidade de vida.

Para refletir e debater com os alunos

"Disciplina é liberdade, compaixão é fortaleza, ter bondade é ter coragem".

Esse verso da música *Há tempos*, do extinto Legião Urbana, sempre me fez pensar. A frase nos soa propositalmente estranha. É que nós crescemos com a idéia de que a disciplina aprisiona. Já a liberdade seria uma permissão para realizar qualquer desejo, a qualquer hora, livre de regras ou limitações.

A disciplina seria, portanto, contrária à liberdade. Renato Russo e sua legião discordaram dessa idéia, e acredito que não foi com ironia. Para eles, a disciplina e liberdade não são opostas. Mais que isso, uma implica na outra. Para chegar onde se deseja, realizar um sonho, conquistar uma vitória, é preciso disciplina. Não há liberdade sem ela. Além disso, aproveitar a liberdade requer disciplina, para não ferir a liberdade do outro.

Há 30 anos, no Brasil do regime militar, a disciplina era ordem. E a ordem era o governo. Muita gente que se opunha à ditadura, por isso, tendia a adotar a indisciplina como bandeira. Muitos continuam agindo assim hoje em dia, mesmo entre as gerações mais novas, como se tivessem nascido na época errada. Rejeitam tudo o que seja disciplinado, limpo, ordenado, eficiente, mesmo sem saber direito por que razão. Não entenderam o recado. **(do blog de Carlito Costa)**

Você também pode construir a paz em sua escola

Paz Na Escola
GESTO DE CIDADANIA

Aprenda a preservar o seu espaço. A escola é sua, não a destrua. Se não está satisfeito com a forma com que ela tem sido maltratada pelos governos, lute, reclame, faça atos e manifestações, mas não destrua o que é seu. Quem "bate" na escola, maltrata muita gente. Quem ama, cuida.

Diálogo é fundamental. Sem ele, não podemos pensar em um trabalho preventivo. E esse diálogo é ainda mais importante nos desentendimentos do dia-a-dia. Quando acontece um problema, antes mesmo de conversar, a galera já quer brigar para medir quem é o mais forte, quando um simples papo resolveria.

Não incentive as brigas dos outros. Basta uma única pessoa falar "opa, gente, o que é isso? Vamos parar com isso", para que a confusão cesse.

Participe de campanhas de solidariedade, aprenda a exercer a cidadania, a se envolver com a busca de solução para os problemas de sua comunidade.

Esta é para os pais: apesar de o dia-a-dia ser muito atribulado, não se esqueçam de dar atenção aos seus filhos. Senão, vocês só vão descobrir que eles têm um problema quando forem chamados à escola.

E esta é para os professores: incentivem as atividades artísticas dentro das escolas. A arte leva a pensar criticamente, e de forma lúdica e criativa lida com nossas fraquezas, inseguranças, medos e raivas.

Consultoria: Regina da Silva Cortez, psicóloga e pedagoga.

SINPRO Cidadão
Uma publicação do Sindicato dos Professores do Distrito Federal.Elaborado pela Secretaria de Imprensa do Sinpro-DF.
Edição: Júnia Lara - **Diagramação:** Aristides Pires - **Fotos:** Valéria Carvalho **tiragem:** 200 mil exemplares
Diretoria Colegiada do Sindicato dos Professores no DF. site do sinpro: www.sinprodf.org.br